**Frege and Frege Interpreters – curso intensivo**

**Sessão 1-** *The Invisibility of Thoughts*

A primeira sessão do seminário foi dedicada sobretudo a explorar 3 ideias fundamentais de Frege acerca da natureza dos pensamentos: i) a invisibilidade dos pensamentos, ii) a prioridade do pensamento relativamente aos conceitos (‘whole thoughts come first’) e iii) a generalidade dos pensamentos. Tais ideias aparecem interligadas.

i)

Porquê a ideia de invisibilidade dos pensamentos e o que significa isso? Suponhamos que os pensamentos fossem representações visíveis, como, por exemplo, as frases de uma linguagem. Nesse caso, seria sempre possível perguntar *como* deveríamos entender essa representação – de que forma ela representa o modo como as coisas são, o que é que de facto ela *diz*. No limite, se o pensamento fosse entendido desse modo e fosse sempre possível colocar essas questões, estaria sempre em aberto a hipótese de falha quanto à representação, de ele não representar de todo.

O ponto é o seguinte: as coisas visíveis são identificáveis pelo modo como aparecem. Identificando qualquer coisa que vejamos, podemos perguntar: “como devemos entender isto?”. Ora, o que precisamos é que a propósito do pensamento não possamos fazer essa pergunta. Porque o papel do pensamento já é, precisamente, o de ser o sentido que alguma coisa tem. Nada dá significado/sentido a um pensamento; o pensamento é, justamente, um tipo de significado/sentido que alguma coisa pode ter.[[1]](#footnote-1)

Há uma outra razão pela qual não podemos ver os pensamentos como coisas visíveis – por exemplo, à maneira de frases de uma linguagem. Frases têm instâncias. Isto é, a frase “Os porcos voam” não pode ser só uma. Mas um pensamento não tem que ter instâncias, pode ser só um. O que o pensamento tem é apenas expressões, não instâncias.

A invisibilidade dos pensamentos fica bem patente, também, se pensarmos na diferença entre ‘ver’ e ‘ver-que’. Estamos na Foz numa esplanada e vemos o sol a pôr-se. Mas, por outro lado, ‘que o sol está a pôr-se’ não é algo que possamos ver. ‘Que o sol está a pôr-se’ é um pensamento, não é algo que esteja localizado, não é algo que possa ser objecto de percepção. Ou seja, ‘que o sol está a pôr-se’ é um juízo, uma função ou capacidade do pensamento, e não uma experiência (como a de ver o sol a pôr-se, sentado numa esplanada na Foz).

But don’t we see that this flower has five petals? On can say that, but then uses the word ‘see not in the sense of a bare experience involving light, but one means by this a connected thought and judgement. (1897: 149)

Consistindo o pensamento nessa particular forma de representar as coisas como sendo de um certo modo, é aqui que entra **a questão da verdade**. Isto porque é apenas no âmbito da representação que podemos falar de verdade - a verdade será um particular tipo de sucesso a que as representações podem almejar. Representa-se verdadeiramente ou falsamente *em relação a alguma coisa* - é apenas neste sentido que a verdade faz a sua aparição.

Pondo em confronto pensamentos e conceitos: um conceito unifica um certo conjunto de objectos sob um elemento comum. Nesse sentido, pode ser satisfeito por um certo objecto. Mas o que satisfaz um pensamento? As coisas serem como elas são. Os conceitos são verdadeiros ou falsos em relação a certos objectos, na medida em que há objectos que não caem sob o conceito de triângulo, por exemplo. Já os pensamentos são verdadeiros ou falsos completamente (*outright*).

Without meaning to give a definition thereby, I call a thought something by which truth is brought into question at all. (1918: 60)

ii) ‘Os pensamentos vêm primeiro’. Que significa isso?

Significa que é errado que devamos pensar nos conceitos como nos *building blocks* dos pensamentos, ou seja, como aqueles elementos que formam os pensamentos e a partir dos quais chegamos aos pensamentos. Pelo contrário, só é possível chegar aos conceitos decompondo os pensamentos. Isto entende-se pelo seguinte: é que, como vimos acima, os conceitos envolvem a noção de ser verdadeiro-de, e é impossível compreender a noção de ser verdadeiro-de senão a partir da noção de ser verdadeiro inteiramente, sem qualificação – que é apanágio do pensamento. Ou seja, precisamos da noção de verdade para falar de conceitos, e a noção de verdade põe-se apenas com a entrada em cena do pensamento.

O que se retira daqui, então, é a tese da prioridade dos pensamentos relativamente aos conceitos. Isto é, os conceitos não se unem para formar pensamentos, mas, pelo contrário, os pensamentos é que podem ser vertidos em conceitos.

Isto não significa que os pensamentos não sejam decomponíveis. Os pensamentos são decomponíveis, mas não da mesma maneira que as frases o são. Mais uma vez, não podemos pensar no pensamento à maneira da linguagem, portanto admitindo a divisão em *building blocks* à maneira do que fazemos com as nossas frases. Os pensamentos não têm uma sintaxe. Vemos que Wittgenstein se inspirou em Frege no ponto em que diz, precisamente, que a distinção entre um pensamento e um não-pensamento não é sintacticamente determinável.

Mas por que razão devemos sequer pensar que os pensamentos são decomponíveis? Por dois motivos: i) por um lado, só desse modo poder-se-iam estabelecer relações lógicas entre eles. As relações lógicas são relações estruturais (as inferências lógicas são ou não válidas por relação a uma estrutura), razão pela qual é necessário que também os pensamentos tenham uma estrutura. ii) Para além disso, para que as relações lógicas lhes possam ser aplicáveis, os pensamentos têm que ser semelhantes entre si em algum aspecto. As relações lógicas dependem da existência de alguma coisa em comum entre os pensamentos, que é partilhável por aquilo que elas relacionam. Como no exemplo seguinte: João está a dormir, logo alguém está a dormir.

Da ideia de que os pensamentos têm que ter uma estrutura e são, por isso, decomponíveis, não se segue, porém que eles sejam decomponíveis de uma única forma. Aqui começa um primeiro debate entre os intérpretes de Frege: P. Sullivan [[2]](#footnote-2) considera que os pensamentos são decomponíveis de uma única maneira, C. Travis considera que os pensamentos são decomponíveis de múltiplas formas. De acordo com Travis, Frege utilizava as categorias de objecto ou conceito, mas não via problemas em utilizar outras categorias, desde que respeitassem a ideia de composição que deve aplicar-se aos pensamentos – que não devemos pensar na estrutura do pensamento como uma estrutura sintáctica composta de elementos que se juntam.

I do not believe that the formation of concepts can precede judgements, because this presupposes an independent existence of concepts, but I think a concept arises through the decomposition of a judgeable content. [//] I do not believe that for each judgeable content there is just one way in which it can be decomposed, or that one of the possible ways can always claim precedence for serious purposes. (1882a: 118)

Susana Cadilha, Investigadora do Projecto “The Bounds of Judgement”.

1. Wittgenstein resistiu a este tipo de abstracção envolvendo o pensamento, tal como formulado por Frege. Mais tarde, porém, ele acabou por não rejeitar totalmente a ideia, mas preocupou-se com as formas por meio das quais essa ideia poderia ser mal interpretada. Para compreender melhor este ponto, cf. as primeiras partes do Livro Azul, pp. 31-40. [↑](#footnote-ref-1)
2. Cf. P. Sullivan’s “Dummett’s Frege”, in *Cambridge Companion to Frege*. [↑](#footnote-ref-2)